



AETAL

Associação Evangélica de Educação Teológica na América Latina

Caixa Postal 7030 | Campinas - SP | 13076-970
Fones: 19 3257-1200 | 19 9-8738-8008
atendimento@aetal.com

BOLETIM INFORMATIVO | Nº 12 | MAI/2014

Guia Acadêmico AETAL

Como um dos frutos da parceria da AETAL com vinte e nove editoras nacionais a AETAL lança a 2ª edição do seu Guia Acadêmico.

Esta publicação é o resultado de uma profunda análise editorial e acadêmica na área da educação teológica evangélica brasileira cujo objetivo é beneficiar diretamente os professores e os alunos do curso de Teologia em todos os seus níveis, além de a escola poder enriquecer sua biblioteca na aquisição de excelentes obras teológicas com preços e condições especiais.



Este guia já nasceu como uma obra indispensável de referências bibliográficas ao estudo da Teologia. Nele são indicados mais de 1.100 títulos de obras que apoiam mais de 50 matérias teológicas, listados por disciplinas. Não há, em língua portuguesa, publicação similar.

Escolas, professores e alunos podem fazer uso deste guia como auxílio à bibliografia básica e complementar para formação de biblioteca, preparação das aulas e realização de trabalhos acadêmicos. Entre em contato conosco e adquira exemplares para seus professores e alunos.

**SEMINÁRIOS ACADÊMICOS DA AETAL EM PARCERIA COM O ICETE
BELÉM-PA: 27-29/10/2014 | MANAUS-AM: 30,31/10 E 01/11/2014
PARTICIPE! INFORMAÇÕES: ATENDIMENTO@AETAL.COM**

Novas diretrizes vaticinam fim da convalidação

Já está sendo publicado por diversos meios de comunicação a súmula da decisão da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE) de 12/03/2014, pelo voto unânime dos conselheiros presentes à sessão, o parecer que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação de Teologia – Bacharelado.

O texto foi construído paulatinamente, desde 2010, pela relatoria do Conselheiro Gilberto Garcia, e contou com a assessoria da Comissão de Especialistas para subsidiar a formulação das diretrizes curriculares nacionais dos cursos de Teologia que foi instituída pela Portaria MEC/SESu nº 595 de 24/05/2010.

O texto do Relator foi aprovado

em quase toda sua integralidade, com exceção da novidade da obrigatoriedade do estágio curricular supervisionado.

O documento seguirá para fase de revisão técnica no CNE e depois de assinado pelo Relator e Presidente da CES/CNE será publicado no Diário Oficial da União e seguirá imediatamente para a homologação ministerial.

Após um ano da publicação da Resolução que estabelece as Diretrizes, ficam revogados os efeitos do Parecer CNE/CES 63/2004, que dispõem

sobre a regulamentação e reconhecimento civil de cursos teológicos livres realizados antes do Parecer CNE/CES 241/1999, não sendo mais permitido o aproveitamento de estudos e convalidação (integralização) de títulos de cursos livres de Teologia, após essa data.



AETAL é representada em evento da John Templeton Foundation



Mais de 70 líderes participaram do evento único no Brasil.

Durante o período de 17 a 21 de Outubro/2013 a John Templeton Foundation, sediada nos EUA, com 26 anos de atividades, realizou no Caesar Park Hotel, Rio de Janeiro (RJ), seu primeiro encontro na América Latina.

O Board of Advisors Meeting da JTF contou com a presença de vários líderes brasileiros, americanos, euro-

peus e hispânicos, jornalistas, além dos conselheiros e investidores.

O objetivo do evento foi de levantar as necessidades e oportunidades organizacionais a fim de disponibilizar recursos para

projetos na área educacional religiosa do continente.

Alguns dos temas ministrados em plenário e *workshops* foram: *Desenvolvendo a Psicologia da Religião Além do Mundo de Fala Inglesa; Oportunidades e Desafios para o Diálogo entre a Ciência e a Religião; A Dinâmica da Competição Religiosa e o Crescimento dos*

Pentecostais na América Latina; e Prospectos para a Reforma Política e Econômica na América Latina.

Márcio Matta, representando a AETAL, teve oportunidade de conhecer um pouco das atividades filantrópicas da fundação e compartilhou com membros do *board* da fundação alguns dos projetos futuros para o meio educacional teológico evangélico latinoamericano.



Sir John Templeton Jr., presidente da JTF com Márcio Matta, presidente da AETAL.

• PRODUTOS PERSONALIZADOS AETAL



Selo holográfico

Atendendo a pedidos, a AETAL estará oferecendo, em breve, selos holográficos para autenticar os diplomas e certificados de suas afiliadas.

Trata-se de um dispositivo de segurança, adesivo e de fácil aplicação em qualquer documento oficial, porém, muito utilizado em documentos de conclusão de curso.

Evite falsificação de seus documentos, adquirindo os selos holográficos da AETAL.

Canetas e pastas executivas

Desde a Conferência realizada em Setembro/2013, a AETAL personalizou a sua marca em alguns produtos, disponibilizando-os para o público em geral e com preços especiais para as escolas afiliadas.

- Canetas de metal (14cm), nas cores preto e lilás, recarregáveis, muito confortáveis à utilização, com o nome da associação gravado a *laser*.
- Pastas executivas (33x26cm) em couro sintético, com zíper, acabamento de luxo, na cor azul marinho, com o nome da associação gravado em baixo relevo.

Para informação sobre disponibilidade desses produtos, preços e descontos, entrar em contato com a secretaria da associação: atendimento@aetal.com ou 19 3257-1200 e 19 9-8738-8008.



Escolas Destaque

Almejem esta conquista!

Todo esforço deve ser reconhecido e recompensado. Partindo dessa premissa, a diretoria da AETAL aprovou a criação de um programa que visa destacar as três primeiras escolas afiliadas com os melhores desempenhos no ano, segundo critérios preestabelecidos (veja tabela abaixo).

O resultado final classificará as escolas para estarem aptas a receberem três títulos distintos, a saber:

1º Lugar: Escola Destaque – Gold

2º Lugar: Escola Destaque – Silver

3º Lugar: Escola Destaque – Bronze

O programa contemplará tanto as escolas brasileiras como as hispanas,



de cada país, individualmente. Para isso, vamos contar com a colaboração das escolas no preenchimento e no envio do formulário específico, no final do ano (até 31/12).

O reconhecimento se dará com o oferecimento de uma placa alusiva ao feito. A premiação ainda está sendo estudada pela diretoria da AETAL com o intuito de ser um benefício para a escola ou para o representante oficial da mesma.

A entrega será feita por um representante oficial da AETAL na sede da instituição classificada, em evento organizado pela mesma, e será publicada neste boletim.

CRITÉRIOS DE PONTUAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

01. Inicialmente, serão pontuadas as 10 escolas que apresentarem, ao final do ano letivo, os maiores crescimentos quantitativos de alunos, em relação ao ano anterior, as quais receberão de 10 a 100 pontos pela quantidade total de alunos alcançada (100 pts. p/ a maior);
 02. Essas escolas receberão de 10 a 100 pontos pelo acréscimo de alunos acumulado ao ano letivo (100 pts. p/ a maior);
 03. Essas escolas receberão de 5 a 50 pontos pelo percentual de crescimento em relação ao ano anterior (50 pts. p/ o maior);
 04. As escolas que oferecerem mais de um curso no ano receberão 50 pontos de bonificação;
 05. As instituições que possuem o Certificado de Reconhecido da AETAL receberão 50 pontos de bonificação;
 06. As instituições que oferecem curso Bacharel em Teologia reconhecido pelo MEC receberão 50 pontos de bonificação;
 07. As escolas que, durante o ano vigente, realizaram eventos como seminários, fóruns, palestras, receberão 50 pontos de bonificação (será necessário comprovação com fotos do evento);
 08. O desempate de pontos, caso necessário, será definido pela data de fundação da escola;
 09. Serão homenageadas somente as 3 primeiras colocadas de cada país que tiver mais do que 3 escolas afiliadas;
 10. O país que tiver apenas uma escola afiliada não entrará no programa. O país que tiver apenas duas escolas terá apenas uma classificada. O país que tiver apenas 3 escolas terá apenas duas classificadas.
- Obs.: A escola que não estiver em dia com suas contribuições e/ou não enviar os dados à AETAL em tempo hábil para o processamento não participará do programa.

Diretoria da AETAL realiza reunião anual

Durante os dias 25,26/Abr/2014, os membros da diretoria da AETAL se reuniram na sede do Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas (SP), a fim de analisarem os relatórios de atividades e de finanças bem como apresentarem os projetos da associação para os próximos anos.

Alguns dos assuntos abordados foram: a reforma do *website*, mais serviços para as afiliadas, programa de incentivo, palestras educacionais regionais, representantes regionais, regimento interno, próxima conferência continental (2016), lançamentos de novos produtos e aquisição futura da sede própria.

Nas palavras do presidente, Márcio Matta, “grandes são os desafios que o cumprimento dessas ações demanda, porém, cremos que Deus está no controle e proverá, a Seu tempo, os recursos humanos e financeiros necessários.”



Atrás: Márcio Matta (pres.), Adão Carlos (vogal) e Marcelo Valle (1º tes.). Frente: Ely Xavier (2º tes.), Glícia (2ª sec.), José Azemar (vice-pres.) e Emerson Pereira (1º sec.).

As visitas da diretoria da AETAL proporcionam levantamento das necessidades locais, participação em formações, seminários e palestras, além do conhecimento das instituições e sua diretoria (afiliadas ou não). As visitas dependem de agendamento e os convites podem ser enviados à presidencia@aetal.com



FACULDADE TEOL. SUL AMERICANA – LONDRINA-PR

Com Dr. Carlos Barro, reitor e Pr. Luís Silvério, diretor da FTSA



SEMINÁRIO GLOBAL MISSION SOCIETY – S. PAULO-SP

Com formandos e membros da diretoria do GMS



FAC. TEOL. AVIVAMENTO BÍBLICO – S. PAULO-SP

Com Pr. Arlindo Manoel, diretor, e sua esposa, Sirlene de Souza, coord^a pedag. da FATAB



ESCOLA TEOLÓGICA BATISTA LIVRE DE CAMPINAS-SP

Com Pr. Kenneth Eagleton (2^o/E) e demais membros da diretoria do ETBLC



SEM. TEOL. ESCOLA DE PASTORES – NITERÓI-RJ

Com Pr. Luiz Vanderley, diretor do STEP



UNIVERSIDADE CRISTÃ DA BAHIA – SALVADOR-BA

Com Pr. Carlos Alberto, reitor da UniCristã



SEM. TEOL. CONGREG. DO NORDESTE – RECIFE-PE

Com Pr. Pedro da Silva, diretor do STCN



SEM. TEOL. EVANG. CONGREG. DE CARUARU-PE

Com Pr. Marcos Quaresma, ex-diretor do STEC



CENTRO DE EST. TEOL. AD PARAÍBA – J.P.-PB

Com Profa. Ângela Reiner, coord^a do CETAD



SEMINÁRIO TEOL. CONGREG. – JOÃO PESSOA-PB

Com membros da diretoria do STC



INSTITUTO TEOLÓGICO SAVOY – JOÃO PESSOA-PB

Com Pr. Ivanildo Ferreira, ex-diretor do Savoy



CENTRO DE TREIN. MISSION. NORD. – NATAL-RN

Com pastora Themis Lessa, diretora do CTMN e pastor Azemar, vice-presidente da AETAL



ESC. TEOL. AD PARNAMIRIM – PARNAMIRIM-RN

Com psicóloga Régia Peixoto, diretora do ETAP, e pastor Azemar, vice-presidente da AETAL



SEM. TEOL. AD MONTESE – FORTALEZA-CE

Com Pr. Osíres Pessoa, presidente do SETADEM



SEM. TEOLÓGICO DA AD CEARÁ – FORTALEZA-CE

Com Profa. Alana, ex-diretora do STADEC

reformas igualdade
trabalho governo reino fé

Teologia & Sociedade

> povo ideologia ciência eleições
capitalismo influência miséria
salários riqueza socialismo direitos
relevância obrigações ética
economia cidadania liberdade

Ariovaldo Ramos

Como pastor na Igreja do Cristo, Jesus de Nazaré, que está no Brasil, sou grato à AETAL por ouvir uma perspectiva pastoral da Teologia.

Vivemos uma democracia onde a filosofia sofista, portanto, amoral, tenta se reestabelecer, marcada pela máxima de Protágoras: “O homem é a medida de todas as coisas que existem e que não existem”. De modo que tudo se resume a uma relação de poder, reduzindo a ética e a moral a uma decisão política.

Estamos expostos a uma ciência fatídica, “à lá” tragédia grega, em busca da causa e das leis que determinam a vida, até mesmo os movimentos tidos como emocionais, onde tudo é uma relação mecânica, onde os deuses foram substituídos por leis estabelecidas por uma evolução que engendrou uma legislação inexorável e irrecorrível, onde qualquer aparente movimento de liberdade não passa de mera ibris, que apenas cumpre o fatídico, outrora estabelecido pelos deuses, hoje, revelada pela ciência que se estriba na evolução, que convive com a entropia, que anuncia a vitória do caos enquanto acredita em leis rígidas que, por definição, não precisariam de evolução.

Estamos no momento da relativização da participação cristã na história, embora, seja inegável, que a modernidade, com todo o conceito de direito humano, que lhe é próprio, é filha da fé cristã. É a partir da fé cristã que a democracia se torna uma declaração de que todos os homens devem ser iguais perante a lei, uma

vez que o são perante a Trindade. É a partir da fé cristã que a noção de liberdade, igualdade e fraternidade se estabelece.

Em assim sendo, precisamos de uma teologia que recupere a história da influência do pensamento cristão, na construção dos valores do Ocidente. Uma vez que não há filosofia no Ocidente que não tenha, de alguma forma, se originado da contribuição do livro cristão ao pensamento humano, mesmo que tenha tentado negar a sua relevância e inspiração. Precisamos de uma teologia que reafirme o livro santo.

Como fé é convicção, todo livro da fé é, por definição, revelado, sagrado, inerrante e infalível em matéria de fé, ou não é livro da fé!

Um livro de fé apela para a sua coerência interna, não ao juízo externo, para demonstrar a sua credibilidade,

A Bíblia é o livro da fé cristã, logo, é revelada, sagrada, inerrante e infalível em relação ao seu propósito e mensagem salvíficos.

Recuperemos, portanto, a ênfase das narrativas.

– A Bíblia é o livro texto da Igreja, porque a Igreja é a comunidade da fé.

– A teologia, segundo o Prof. Ziel Machado, é arte.

– Toda arte detém e domina uma técnica, mas, nenhuma técnica pode dominar a arte, porque toda arte é fruto de inspiração.

– A arte é transcendência, a técnica é imanente.

– A arte da teologia interpre-

ta o livro da fé, frente à vida do fiel em todas as suas circunstâncias.

– A arte pode ser discutida, mas, o objeto da arte é um dado.

– O objeto da arte da teologia cristã é a Bíblia.

– A arte da teologia não deve discutir o livro da fé

A fé é recebida, porém, precisa ser aferida pela Revelação, que é o livro da fé.

Toda experiência com o Cristo, precisa do Cristo da Revelação para se saber experiência com o Cristo.

Precisamos de Teologia que recupere o fato de que só seres racionais podem ter fé e desenvolver ciência, portanto, a fé e a ciência são oriundas da *ratio*.

A fé e a ciência, porém, são diferentes por definição:

– A fé é revelação, a ciência é ilação.

– A fé é certeza, a ciência é dúvida.

– A fé é convicção, a ciência é teoria em busca de comprovação.

– A fé responde, a ciência pergunta.

– A fé define, a ciência investiga.

– A fé é dedutiva, a ciência é indutiva.

– A fé propõe uma razão ampla, a ciência propõe a delimitação da razão.

– A fé propõe que a vida é sustentada, a ciência propõe que a vida se sustenta.

– A fé convida à comunidade, a ciência convida ao individualismo.

– A fé afirma que o Deus Trino

fez ciência, a ciência afirma que pode prescindir do Deus.

– A fé e a ciência não se excluem, mas, não se necessitam – é uma relação dialética.

Precisamos de Teologia que recupere a história.

“Os olhos são como uma luz para o corpo: quando os olhos de vocês são bons, todo o seu corpo fica cheio de luz. Porém, se os seus olhos forem maus, o seu corpo ficará cheio de escuridão. Assim, se a luz que está em você virar escuridão, como será terrível essa escuridão!” Jesus de Nazaré – Mt 6.22,23

O historiador Eric Hobsbawm defendia que um século pode ter mais ou menos que cem anos, dependendo dos eventos que, no período, ocorram, e que demarquem uma mudança, de fase ou de era, na história.

E o que se aplica ao século, se aplica a qualquer evento; assim é possível dizer que, a segunda grande guerra, oficialmente finda em 1945, termina, de fato, em 1989, com a queda do muro de Berlim, que anuncia o fim do embate entre o capitalismo, representado pela OTAN, e o socialismo, representado pelo Pacto de Varsóvia, com a vitória do capitalismo. O que levou o filósofo Francis Fukuyama a propagar a tese de fim da história, por não haver mais embate entre as ideologias.

O fim da luta entre as ideologias contraditórias, entre si deixou, de fato, a sociedade, sem olhos. Quando da luta, as sociedades se observavam, e a crítica era constante, exigindo de cada uma, não só a defesa de seu ponto de vista, como, a presença do contraditório, acabava por forçar aprimoramentos, no sentido de cada qual apresentar o seu sistema, como suficiente solução para a humanidade, em sua busca por felicidade.

Dessa forma, mais preciso do que dizer que a história acabou, seria dizer que sociedade humana perdeu a meta perspectiva, a visão do contrastante, logo, perdeu a capacidade de visão, partindo-se do pressuposto de que ter somente a visão particular de si (perspectiva), significa não ter,

de si, visão alguma. A sociedade foi, portanto, acometida de cegueira.

Sempre se pode argumentar que a queda dos estados socialistas, por excelência, não representa o fim do sonho socialista e que, portanto, a crítica e o contraditório estão mantidos. Acontece, porém, que as duas ideologias têm algo em comum: a crença de que tudo se trata de uma relação de poder. Quem conquista o poder normatiza o direito e a justiça, e a verdade, e a ética, e a moral. De modo que, qualquer reação dos derrotados, apenas reforça a posição do vencedor, que passa a exigir do vencido o reconhecimento do lugar que a história, agora, lhe reserva, ou seja: lugar nenhum.

Como enfrentar essa força hegemônica? Aqui entra a Igreja, a teologia. A Igreja jamais aceitou a lógica da relação de poder. Porque a teologia sempre argumentou que o Criador é quem estabelece o conteúdo



das palavras *direito, justiça, verdade, paz, ética e moral*. De forma que, tais conceitos, não são fruto de construção, mas de revelação. Assim, a teologia irrompe como a propugnadora da ética e do direito, e a Igreja, então, força a retomada da noção de história. O contraditório e a crítica continuam presentes, e não mais como contraponto ideológico, mas como compromisso profético, a partir do Grande Observador, como diria Berkeley, que, com sua observação, além de garantir a existência, lhe dá conteúdo. Dessa forma, diante da teologia está o desafio de passar de momento segundo (o momento da reflexão) para se tornar a emuladora da ação transformadora.

O fim do embate ideológico recolocou a Igreja e a teologia na ribalta, uma vez que, só a partir dessa lógica judaico-cristã é possível retomar o debate sobre o direito; a justiça; a ética; a paz; e a moral. Hoje, a

Igreja, por sua teologia, voltou a ser os olhos da sociedade. É a única força capaz de se contrapor à lógica capitalista, e de forçar a sua humanização, ou capitulação frente à tese da solidariedade. Cabe-nos que esses olhos não sejam trevas, mas luz de libertação.

Todos os segmentos da Igreja jamais aceitaram a lógica da relação de poder como fonte da verdade e corre-latos. Mas qual teologia se prestaria a lançar luz nessas trevas? A teologia do Reino, que prega uma nova sociedade, marcada pela solidariedade, o que exige, por definição, um novo modelo de governo.

Precisamos de Teologia Pública, que aponte caminhos para a nossa ação político-econômica.

Estamos em momento de eferescência da juventude brasileira, clamando por um outro país.

Em Marcos 9:35, temos: *“E ele, assentando-se, chamou os doze e lhes disse: Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos.”*

Estamos falando de um governo previdente. Na concepção do Reino o governo é servo de todos, e tentará, por todos os modos, levar os homens à igualdade. Isto é, dar a todos, ao menos, acesso à moradia, ao ensino, ao trabalho, à saúde, ao transporte, com cada vez maior qualidade. Isso por meio de salários justos, com sistema tributário justo de maneira a promover a distribuição da renda.

O Reino estabelece, ainda a distribuição da fonte produtora da riqueza – como prega a lei do Jubileu. A cada cinquenta anos (Lv 25), Deus determinou que as terras deveriam ser devolvidas aos donos originais. Os escravos deviam ser libertos, entre os quais haviam proprietários originais das terras, e as dívidas deveriam ser sanadas pelo perdão aos devedores.

A sociedade era reinventada. Todos voltavam a assumir a sua parte no sustento da mesma. A concentração era desfeita.

Quando há concentração, poucos são os que carregam o ônus da produção e, portanto, do sustento da sociedade. Os consumidores vão se

endividando, e não têm mais como remunerar a produção.

Com a desarticulação da concentração o ônus da produção se distribui e o atores se remuneram.

O segredo do Jubileu era o reempoderamento da ponta que deixa de ser meramente consumidora, para tornar-se, também, produtora.

Volta a haver comércio, porque volta a haver intercâmbio.

O movimento de desarticulação seria possível, porque a concentração era onerada: quanto mais próximo do jubileu menos vantajosa, quanto mais distante, mais custosa.

Como todas as dívidas eram perdoadas, quanto menos devedores, melhor.

Mais do que uma correção da sociedade, o jubileu era um incentivo para a construção de uma comunidade que não precisasse passar por este.

Numa sociedade cujo ônus estivesse distribuído, ninguém seria rico ou poderoso demais, mas a comunidade seria sólida.

- Uma sociedade cooperativada gera escala e não escravos.
- A humanidade de Deus é uma cooperativa. Desconcentrar é a resposta.

Some-se a essa ação de reforma agrária, a reforma urbana, que regularmente a propriedade de modo que homem algum, ou grupo de homens, torne-se hegemônico por via de monopólio, latifúndio, oligopólio, etc. No caso do Brasil urge fazer a reforma urbana, porque uma nação com um território gigantesco, o quinto do planeta, com 85% de sua população vivendo em conglomerados urbanos, só se explica por uma dinâmica de injustiça social, sustentada pela concentração de terras nas mãos de poucos.

O governo, na concepção do Reino, trata a questão da liberdade individual a partir de nova relação hierárquica: a igualdade. Em Efésios, capítulo 5, verso 21, Paulo diz: *“Submetendo-vos uns aos outros no temor de Cristo.”*

Fazer isso é levar todo mundo para o abraço. Se eu vou em sua direção entendendo que você merece honra, e você vem em minha dire-

ção com a mesma compreensão, estamos indo para o abraço. A concepção de que todos merecem honra semelhante iguala todos os seres humanos.

E isso só pode existir onde está garantida a liberdade de expressão e a igualdade de condições; onde há justiça ágil, barata e de fácil acesso. Onde, em ambiente democrático, o voto seja garantido, assim como a possibilidade de veto, o que é diferente do sistema que temos em nossa nação.

Aqui, em nossa sociedade, nós temos a obrigação do voto mas não temos o direito do veto. Quem ganha um mandato faz dele o que quiser, podendo desconsiderar que recebeu uma outorga, uma delegação, e que está falando, fazendo e movimentando-se em nome de alguém. Quando você sai da votação acabou-se todo o relacionamento com o seu



candidato, qualquer contato, a partir daí, ocorre às custas das benesses dele. Se, em determinado momento, ou situação, alguém não se sentir mais representado por seu candidato não há o que fazer. Esse sistema sustenta e reproduz o coronelato.

O Reino de Deus exige uma democracia de fato, que faculte o voto e o veto: exige, portanto, reformas eleitorais e políticas que valorizem o voto e prestigiem o cidadão.

O governo, reclamado e sugerido pelo Reino, é aquele que luta contra o mal, e que pune o mau. Mal, para o Reino, é tudo aquilo que transforma o ser humano em objeto, tudo o que faz dele um ser manipulável, tudo que cria categorias de superioridade ou de inferioridade entre humanos.

A proposta do Reino é de um governo do povo, para o povo e pelo povo. Onde “povo” deixa de ser uma categoria ideológica, para ser o conjunto de seres humanos. Sabemos

que algo é pelo povo se os seres humanos estão caminhando para a igualdade de condições, de possibilidades e de tratamento.

O Reino nos traz paradigmas para nosso envolvimento político partidário, porque prioriza o ser humano. O que significa que rejeita o individualismo, que é comunitário, pois entende que tudo o que é pessoal tem que desembocar no comunitário para ser sadio.

Em resumo, podemos dizer que o Reino de Deus se opõe ao sistema vigente, desconfia dele o tempo todo, porque sabe que tal sistema não resolve os problemas cruciais da existência e coexistência humanas. O Reino propõe novas perspectivas:

O ser humano passa a ser solidário; o Reino trabalha a luta de classes na perspectiva da solidariedade, propondo a economia da partilha, na qual o resultado do esforço de todos seja distribuído entre todos; surge uma nova ética do trabalho, na qual todos trabalham por todos, daí, o consumismo não tem lugar, porque a primeira tarefa é garantir, a todos, a satisfação das necessidades básicas – o espaço para o superfluo fica à espera do cumprimento dessa tarefa.

Adota-se a contenção da propriedade, que não é ataque ao conceito de propriedade, mas o estabelecimento de limites a esse direito – não se mede o ser humano por suas posses.

Uma nova concepção impõe que a lei seja para o homem e não o inverso, e que seja instrumento de aperfeiçoamento e não de punição. Daí, um sistema penitenciário, como o que conhecemos, é um atentado ao direito. Esses novos conceitos de trabalho, de justiça, de lei e de economia implicam em nova concepção de governo:

– Governo, para o Reino, é servo de todos, e vai buscar, de todas as formas, levar os seres humanos à igualdade. Esse seria o governo previdente, que há muito não vemos. O que temos hoje são governos reagentes, que vivem apagando incêndios sem fazer rescaldo, pois permitem que o incêndio recomece a qualquer hora, no mesmo lugar. Além de

serem apenas reagentes são maus bombeiros, pois não fazem a lição de casa, que é extinguir todos os possíveis focos de retomada do incêndio. E, a todo tempo, tendo-se apagado um incêndio, surge outro, e mais outro, numa sequência sem fim. E isso acontece porque toda a concepção de governo está errada. A proposta do Reino é o governo previdente.

– Essa nova concepção de governo vai trabalhar a questão dos salários na qual entra também a questão previdenciária, da reforma tributária, das reformas agrária e urbana, enfim, de tudo aquilo que, como está, hoje, afronta a dignidade humana, por produzir desigualdade, miséria, alienação, etc. Vai ocupar-se, igualmente, da lei e de seu sistema judiciário, tornando-o acessível, fácil e barato.

A participação do cristão na ação política precisa ser feita a partir dessas concepções. É importante ter em mente que não vamos implantar o Reino, mas é nosso papel sinalizá-lo o máximo que nos for possível. Só Cristo pode implantá-lo. Embora o Reino já esteja aqui entre nós, ele só virá, plenamente, com Cristo. Isso nos faz concluir que, ainda que não consigamos atingir esse estado de igualdade, entre os seres humanos, como cidadãos e agentes do Reino, cabe a nós trabalhar para abençoar a todos os seres humanos. Fazendo assim, teremos contribuído, ainda que minimamente, para a dignificação do ser humano, a quem Deus criou a sua imagem e semelhança.

Jesus Cristo, portanto, preconizou uma nova sociedade, cujo poder governamental seria exercido por meio do serviço a todos. Uma sociedade de cidadãos, onde todos seriam cidadãos, pois, só uma sociedade em que o governo assume a sua vocação de servo de todos, é que a cidadania floresce.

Na sociedade do Cristo, o poder deveria ser exercido dessa forma para que a sociedade pudesse cumprir a sua vocação, qual seja:

– uma sociedade onde o uso

da terra fosse regulamentado, tendo em vista o bem de todos, pois, como disse o profeta Isaías 5.8: *“Deus não admite que alguém possa comprar casa sobre casa e terra sobre terra até ser o único morador do lugar.”* Na sociedade do Cristo a terra teria de ser repartida entre todos, pois é para todos. Este tipo de coisa só acontece quando o governo está a serviço de todos.

– uma sociedade onde a riqueza fosse distribuída com equidade, pois, como disse o apóstolo Paulo: *“Deus quer que quem colheu demais não tenha sobrando, e o que colheu de menos não tenha faltando.”* 2Co 8.15. Uma sociedade com consciência de coletividade. O que só acontece quando o governo está a serviço de todos. Onde o imposto fosse um instrumento legítimo de distribuição de renda.



– uma sociedade onde o trabalhador usufruísse da riqueza que produz, pois, como está escrito: *“o trabalhador é digno de seu salário.”* Lc 10.7, e mais, *“não se pode amordaçar o boi que debulha o milho.”* 1Tm 5.18, isto é, aquele que produz deve ser o primeiro a usufruir do que produziu. Uma sociedade de trabalhadores para trabalhadores. O que só acontece quando o governo está a serviço de todos.

– uma sociedade onde a criança fosse prioridade, pois, Deus não quer que nenhum dos pequeninos se perca, e ameça com duras penas a sociedade que desviar as crianças de sua vocação divina: vocação à saúde; à educação; à segurança; à longevidade; ao emprego – enfim, uma vida que possa ser celebrada. O que só acontece quando o governo está a serviço de todos.

– uma sociedade onde os órfãos e as viúvas, isto é, os que tudo

perderam, não ficassem desamparados, pelo contrário, parte da produção seria destinada com exclusividade para estes, para que não houvesse miséria na sociedade. Uma sociedade onde todos desfrutassem do direito à dignidade. Uma sociedade de cidadãos, pois, só onde há dignidade há cidadania.

– uma sociedade onde o idoso fosse referencial de sabedoria, nunca um fardo, pois, na Bíblia, o idoso é o conselheiro que ajuda o jovem na sua caminhada e, por este, é visto como um mentor, como alguém que é guardião dos valores que devem nortear a sociedade. Alguém que deve ser honrado, o cidadão por excelência, pois construiu e legou para as gerações que o sucedem.

Na sociedade preconizada por Cristo o conjunto de cidadãos é o estado. E todos são cidadãos. Por isso, o governo estaria a serviço de todos. E estar a serviço significaria que o governo estaria sob o controle da cidadania, E porque o governo estaria sob o controle, os direitos humanos seriam respeitados. E onde os direitos humanos são respeitados há previdência, isto é, o futuro do cidadão estaria assegurado, ou seja, o cidadão seria o beneficiário da riqueza que produziria. E mais, previdência seria um conceito que abrangeria não só a saúde ou a velhice, mas a escola, a segurança, o emprego, o lazer, enfim, tudo o que dá qualidade à vida. Nesta sociedade, o governo seria um agente previdenciário, e o futuro seria, não como algo que quanto mais remoto melhor, mas como uma sucessão de presentes, onde cada dia traria a garantia de um futuro assegurado. Temos um caminho de espiritualidade para dismantelar o consumismo e construir uma sociedade justa. Até, porque, podemos dizer que uma sociedade injusta é uma contradição de termos.

Nossos desafios, diante da desigualdade da nação, são enormes, precisamos de uma Teologia que nos ajude a saber viver e influenciar a partir do que cremos.

(Palestra proferida na Conferência Set/2013)

SUA ESCOLA TEOLÓGICA É UMA INSTITUIÇÃO SÉRIA? ENTÃO, AFILIE-SE À AETAL
atendimento@aetal.com | 19 3257-1200 | 19 9-8738-8008